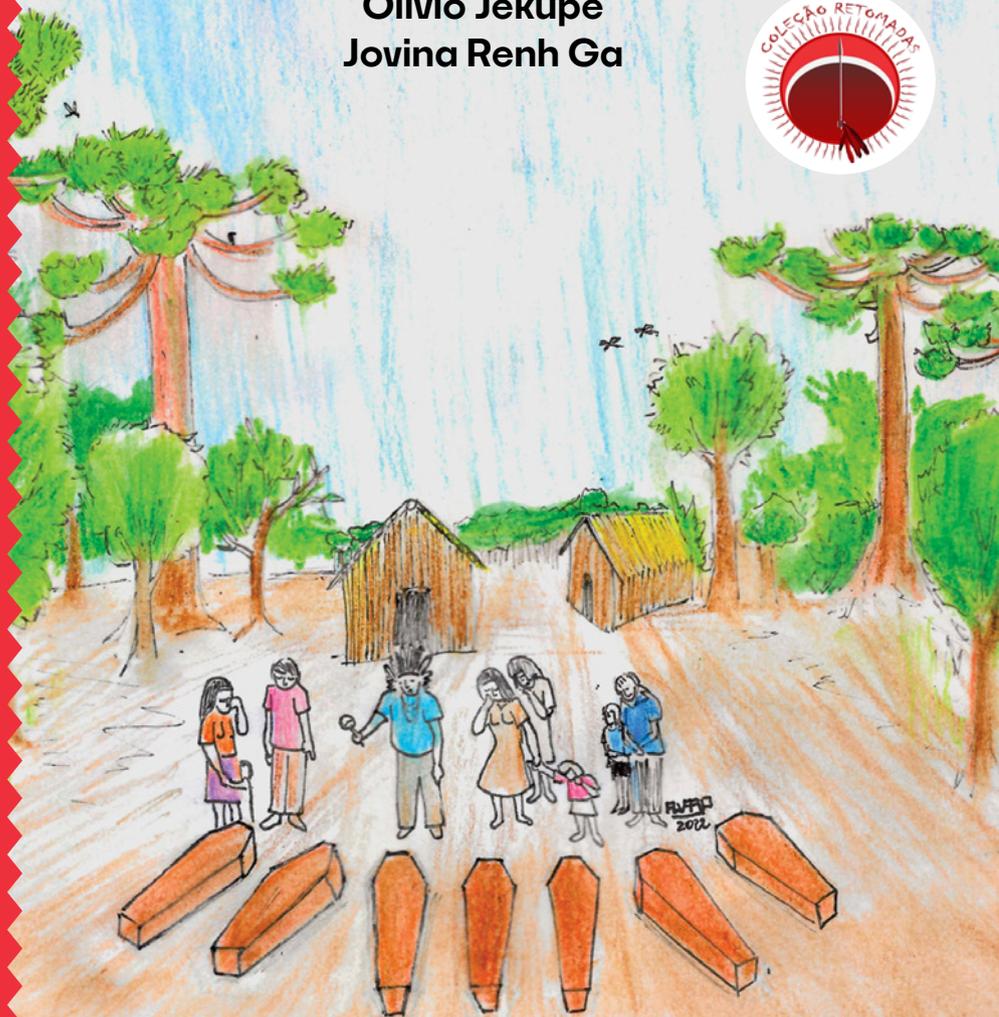


# CORONAVÍRUS NAS ALDEIAS

Olívio Jekupé  
Jovina Renh Ga

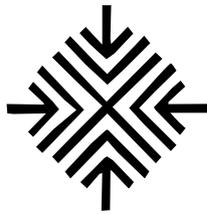


**Em 1500**, fomos invadidos por estranhos que, mais tarde, soubemos que eram portugueses. Vieram de um jeito diferente, em máquinas, caravelas, vestidos de roupas bem sujas e fediam muito. Traziam algo que nossos povos, à época, não conheciam: doenças que não existiam em nossas terras e que mataram muitos dos nossos parentes. Mas nada poderia ser feito, pois não conhecíamos a cura. Em 2019, surgiu mais uma doença, desta vez na China, que recebeu o nome de COVID-19 ou Coronavírus e começou a se espalhar pelos países da Ásia, Europa e logo chegou nas Américas. O mundo buscava uma vacina contra essa doença, mas enquanto a vacina não existia, muitos morreram, inclusive muitos dos nossos parentes indígenas e, entre eles, grandes lideranças. Sei que é assustador, mas não devemos ficar tão assustados, porque desde 1500 somos atacados por doenças, inclusive outras doenças até piores do que esse Coronavírus e, mesmo morrendo tanta gente, conseguimos sobreviver até os dias de hoje. Tenho certeza de que nossos povos irão vencer mais essa guerra, com suas lutas, através da fé em seus rituais.

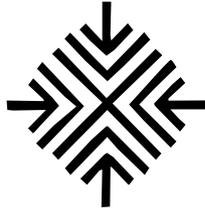
OLÍVIO JEKUPÉ





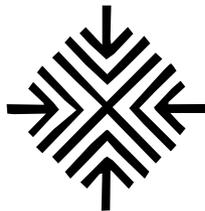






# **CORONAVÍRUS NAS ALDEIAS**

**Olívio Jekupé  
Jovina Renh Ga**





# **O INFERNO VOLTOU: CORONAVÍRUS**

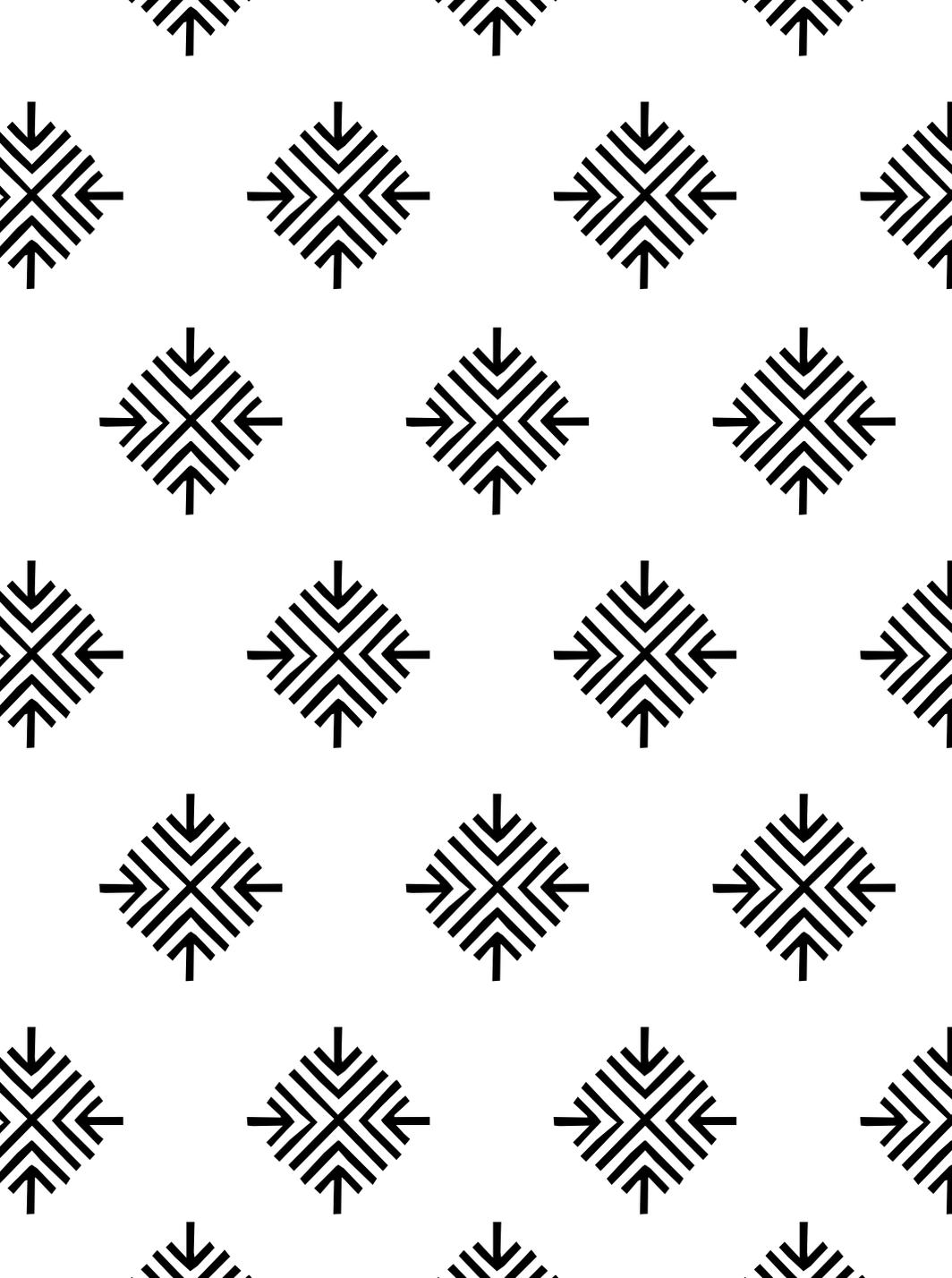
*Olívio Jekupé*

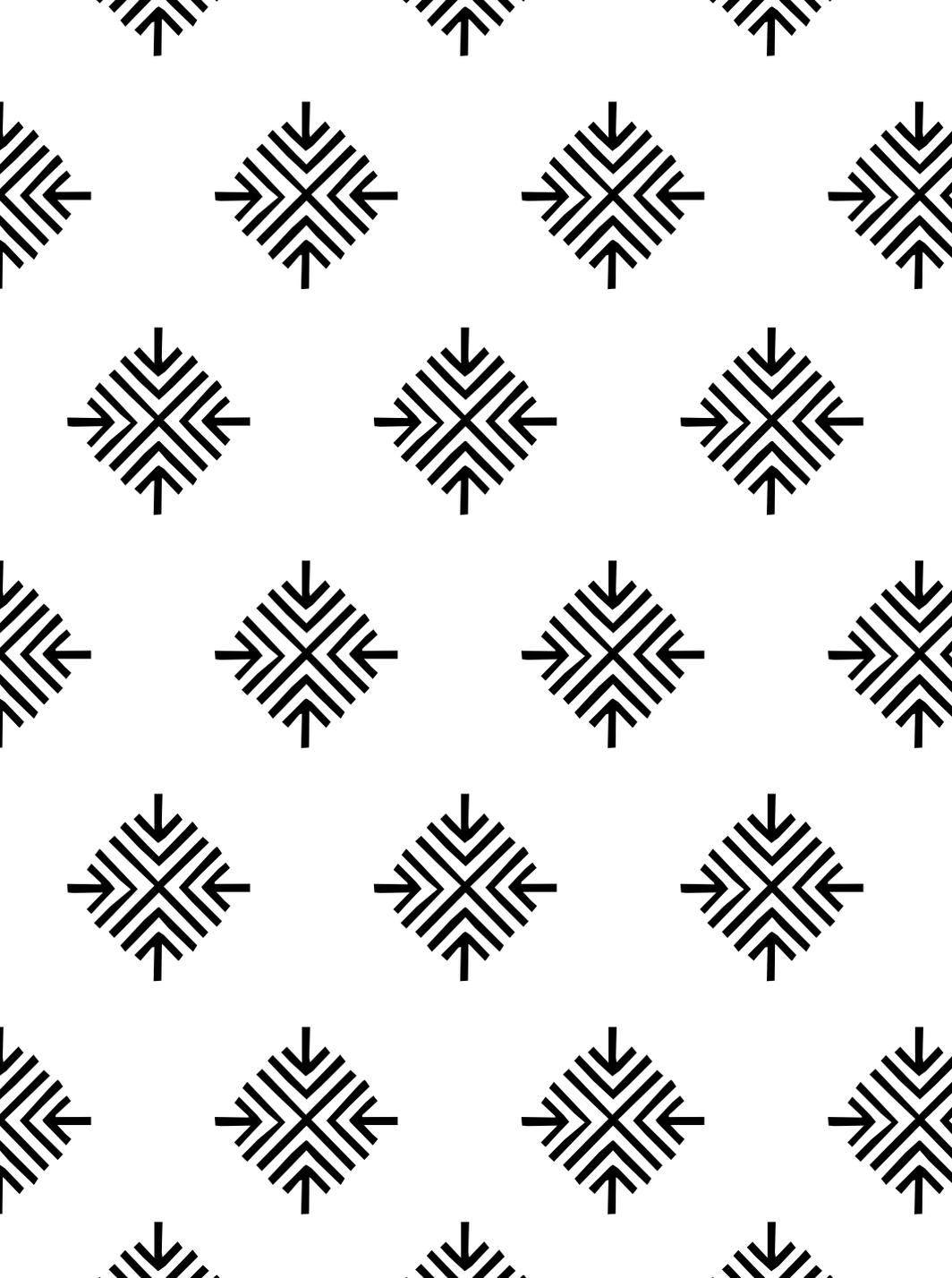
**10**

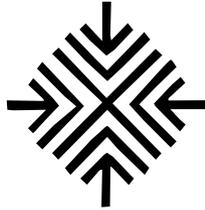
# **A INVASÃO NOS AFETA DESDE 1500**

*Jovina Renh Ga*

**48**

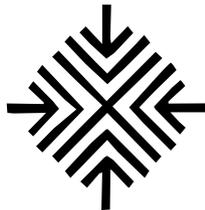


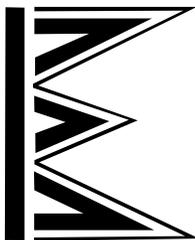




# O INFERNO VOLTOU: CORONAVÍRUS

*Sou Olívio Jekupé, do povo Guarani,  
escritor de literatura nativa, natural do  
Paraná, atualmente residente na aldeia  
Krukutu e já publiquei 21 livros.*





Em 1500, fomos invadidos por estranhos que, mais tarde, descobrimos que eram portugueses. Vieram de um jeito diferente, em máquinas, caravelas, vestidos de roupas bem sujas e fediam muito. Traziam algo que nossos povos, à época, não conheciam: doenças que não existiam em nossas terras e que mataram muitos dos nossos parentes. Mas nada poderia ser feito, pois não conhecíamos a cura e milhões de indígenas morreram aqui, na nova terra que foi roubada pelos portugueses. Outros milhões morreram em todo o continente, pois os espanhóis também trouxeram doenças. Os séculos foram passando e nossos povos, nativos dessas terras, continuam sofrendo com essas doenças, por isso tivemos que aprender muitos remédios da floresta para nos proteger como forma de sobreviver às doenças que chegaram em 1500 e que nunca terão fim.

Em 2019, surgiu mais uma doença, desta vez na China, que recebeu o nome de COVID-19 ou Coronavírus e começou a se espalhar pelos países da Ásia, Europa e logo chegou nas Américas. Quando chegou ao estado de São Paulo, onde moro com minha família, na aldeia Krukutu, eu vi uma notícia na TV de que as escolas seriam fechadas no estado todo e nós, da aldeia, fechamos nossa escola também. Reunimos as lideranças e foi decidido que não iríamos mais receber turistas e, assim como foi



1500



2019

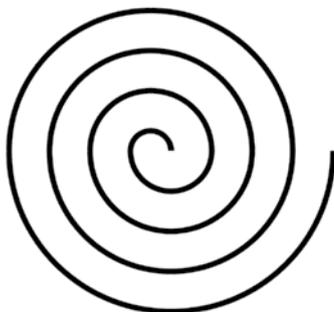


decretada quarentena para o povo da cidade, nós resolvemos não sair mais da aldeia para nos prevenir contra o Coronavírus.

Passamos a não sair da aldeia, saíamos apenas em casos de extrema necessidade. Como temos um pequeno posto de saúde, apenas os agentes nos visitavam todos os dias. O isolamento para nós não foi difícil, pois vivemos no meio da mata e já é um costume nosso ficarmos sozinhos, mas tivemos apoio de outros amigos e ONGs que nos doaram alimentos, o que foi muito bom para nossa comunidade. Com o passar da quarentena, a equipe médica do posto disse que iria fazer exames em todos da aldeia, o que achei muito bom, pois tínhamos medo de que as pessoas fossem contaminadas pelo Coronavírus.

13

Surgiu, então, uma decisão muito boa: o Centro de Educação e Cultura Indígena — CECI —, das 3 aldeias na capital de São Paulo, seria usado como uma unidade básica de saúde, com uma equipe médica disponível dia e noite. Fiquei feliz ao saber daquilo, porque quem tivesse o resultado positivo nos testes, passaria os dias de isolamento no CECI, seguindo as regras médicas. Com o passar dos dias, chegaram os resultados dos exames e veio a triste notícia: vários resultados positivos. Foi muito triste para nós, pois, apesar do isolamento, o vírus chegou na aldeia e uns foram passando aos poucos para os outros, mas sabia que resistiríamos a esta doença,



*Símbolo da  
emergência,  
cura xamânica.*

pois desde 1500 isso acontece, porém também sabia que não seria fácil.

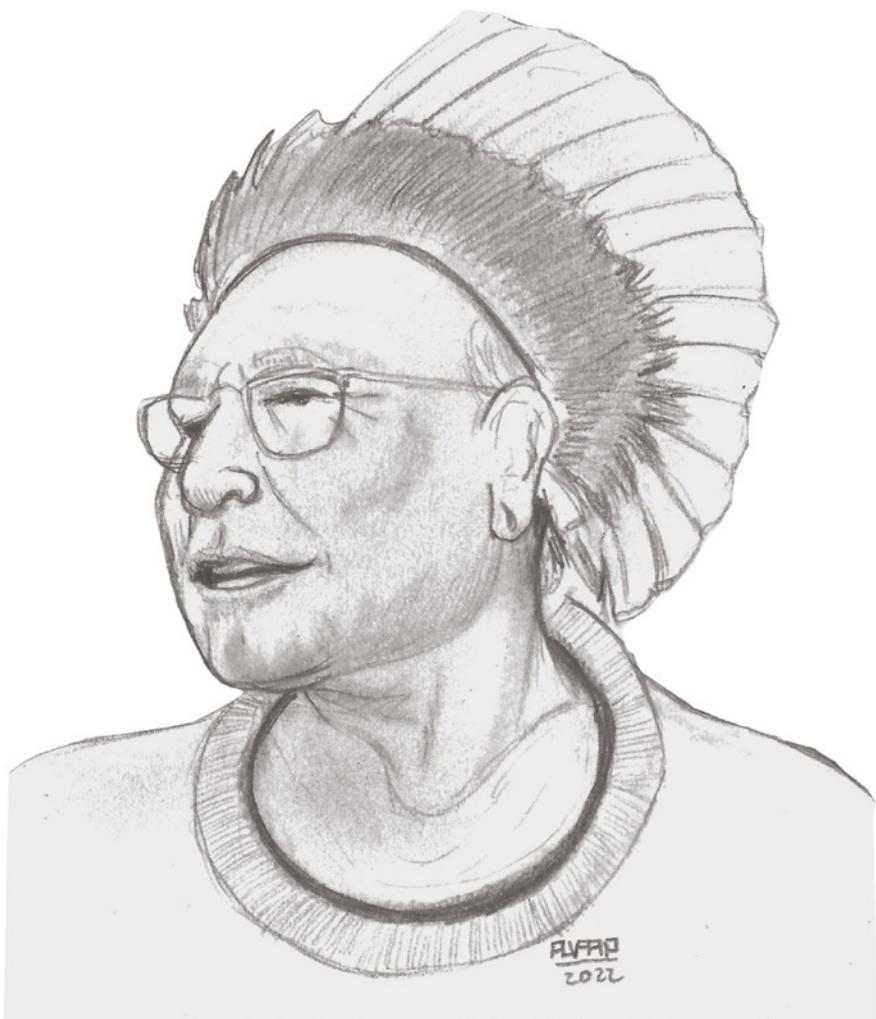
14

Via notícias nos jornais sobre parentes indígenas de várias regiões do Brasil que estavam morrendo por causa dessa doença que não tem dó. Depois que alguém é contaminado, precisa ter muita sorte para sobreviver. Recebi notícias sobre regiões onde a assistência sanitária não chegava e indígenas contavam apenas com a sorte para resistir à doença. Com o passar dos dias, a notícia triste veio da nossa aldeia: a morte de um idoso que não resistiu ao Coronavírus. Foi pesaroso pra todos nós, ele foi um cacique há muitos anos e agora havia morrido por causa dessa doença.

O mundo buscava uma vacina contra essa doença, mas enquanto a vacina não vinha, muitos morreram, inclusive muitos dos nossos parentes indígenas e, entre eles, grandes lideranças, como o famoso Paulinho Paiakan. Imagino a tristeza das filhas do Paulinho

Paiakan ao perder o pai que sempre foi um herói para elas. Soube de sua morte através das redes sociais e fiquei triste ao ver aquela notícia, como tantos que também lamentaram o fato, porque sabiam que ele foi um grande líder nos anos 1980 e 1990, mas foi vítima de uma cilada em 1992, ano em que aconteceu um grande encontro internacional no Brasil, conhecido como Eco-92. O evento contaria com a participação de lideranças do mundo todo e todos queriam ver o grande líder que vivia denunciando fazendeiros, garimpeiros e o governo do Brasil.

Paulinho Paiakan esperava esse dia como uma grande oportunidade para fazer denúncias, pois ele não tinha medo, era um verdadeiro líder Kaiapó, mas ele não imaginava que os brancos sempre têm suas armas para destruir alguém e foi o que fizeram com nosso grande líder internacional. Apenas alguns dias antes do encontro Eco-92 usaram uma revista para divulgar a notícia falsa sobre um estupro que não aconteceu, acusando Paulinho Paiakan. Depois disso, todas as mídias do mundo falavam de Paulinho Paiakan, pois sujaram o nome dele de um dia para o outro. Desta forma, ele seria obrigado a ficar fora do grande evento, assim como queriam aqueles que lutam contra os povos indígenas. Nos anos seguintes, esse grande líder foi obrigado a viver na aldeia, sem poder sair para denunciar os absurdos que acontecem no Brasil.



E, assim, a vida desse grande líder foi destruída. Mesmo depois de anos, sempre havia alguém lembrando a mentira criada para prejudicá-lo, mas eu tinha certeza de que um dia a sociedade iria saber toda a verdade sobre a inocência dele. Destruir a imagem de uma pessoa é fácil, reconstruí-la pode demorar décadas. Sendo assim, quero deixar registrado o meu apreço, mesmo após sua morte, pelo grande líder que foi Paulinho Paiakan, assassinado por duas vezes: uma em vida, quando mataram seu nome através da imprensa e agora com a morte pelo Coronavírus, trazido de fora. Mas nós, escritores indígenas, temos uma grande missão, que é tentar mostrar ao mundo sua inocência, trazer justiça através da escrita e fazer com que seu nome seja sempre lembrado como o grande líder Paulinho Paiakan.

17

No momento, continuaremos nossa luta para resistir a essa doença que veio arrasar com todos. Sei que é assustador, mas não devemos ficar tão assustados, porque desde 1500 somos atacados por doenças, inclusive outras doenças até piores do que esse Coronavírus, e, mesmo morrendo tanta gente, conseguimos sobreviver até os dias de hoje. Tenho certeza de que nossos povos irão vencer mais essa guerra, com suas lutas, através da fé em seus rituais, em que os pajés também farão seus benzimentos e mostrarão muitos remédios que poderão nos ajudar de alguma forma.



Quem sabe a sociedade aprenda de vez que as florestas precisam ser mais valorizadas e respeitadas, pois do que adianta ter tanto dinheiro se uma doença pode acabar igualmente com todos, seja pobre ou rico, feio ou bonito, não importa a cor? Por isso, acredito que muitos enfim perceberam que dinheiro não compra a vida, que esse vírus pega as pessoas de surpresa e leva embora.

Certo dia, minha mulher, que se chama Maria Kerexu, ficou doente. Sentiu que estava com febre, disse que estava sem fome e, naquele dia, ficou na cama. Meu filho, Tupã Mirin, foi quem ficou na cozinha, aliás, é um excelente cozinheiro, mas a Maria disse que não estava com vontade de comer nada. No dia seguinte foi a mesma coisa, continuava com febre e, apesar dos remédios que

19

lhe dava, não percebíamos melhora. O jeito foi fazer chá caseiro e comecei a preparar. Ele é feito com a casca de uma árvore cujo nome não posso citar, pois esse conhecimento é tradicional do nosso povo. Nhanderu sempre fala o nome dos remédios para os pajés quando é preciso, sempre haverá alguém para aprender como fazê-los, porque Ele ensina para as pessoas certas e nós, indígenas, aprendemos a usar do jeito certo. É um chá muito amargo, mas tinha que tomar para tentar melhorar.





ALVARO  
2022



de comer, ela emagreceu muito. Eu quis levá-la à unidade de saúde no CECI para que a equipe médica a atendesse e, se fosse COVID-19, recebesse tratamento, mas ela não quis e disse que nem morta iria. O medo de ser Coronavírus a deixava muito assustada, por isso não admitia ter o vírus e se recusava a ter atendimento médico, mas o importante é que ela ficou bem depois de 14 dias doente.

Ainda bem que ela resistiu e, no mesmo dia em que acordou bem, já fez o café, comeu com xipa, um bolinho que é comum fazer na aldeia. Em seguida, visitou algumas pessoas e, ao voltar para casa, fez o almoço. Estava diferente, bem alegre. A saúde é o que mais vale na nossa vida, por isso ela pegou o seu petyngua (cachimbo), deu uma bela de uma cachimbada e agradeceu muito a Nhanderu, nosso Deus, pela vida.

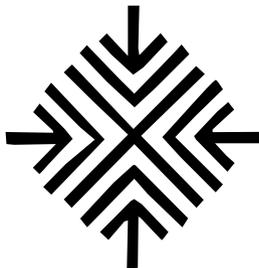
22

No dia seguinte, eu levantei cedo e senti o corpo meio diferente, cansado. Depois do almoço, comecei a sentir febre e deitei-me para descansar, mas, mesmo após horas, a febre não passava, então notei que não estava bem. À noite, pedi para a minha esposa fazer um chá de alho com limão e tomei uma dipirona, mesmo assim continuei mal. No outro dia, me sentia ainda pior e fiquei mais preocupado. Pedi para meus filhos não ficarem perto de mim, pois poderia estar com COVID-19 e falei para eles não trazerem meus netos e netas para me visitarem. Minha preocupação dobrou, porque tomava

remédio para a febre e nada resolvia, à noite piorava e sentia uma falta de ar que me deixou com medo de morrer.

A preocupação era demais e eu pensava: e se eu morrer? Tinha meus filhos e meus netos para cuidar ainda. Nossa, vêm tantas coisas na cabeça da gente... Por isso, no terceiro dia, minha esposa resolveu fazer o chá. Tomei e me senti melhor, mas por pouco tempo. Então, no quarto dia, resolvi procurar o médico que viria à aldeia naquela terça-feira. Quando contei o que sentia, o médico me disse que eram sintomas de Coronavírus e pediu que eu fosse ao CECI, onde teria uma equipe médica atendendo esses casos. Fui, fiz o exame e voltei para casa. Já na quinta-feira, veio o resultado. Fui chamado para uma conversa e me disseram que o teste de COVID-19 tinha dado positivo, logo eu teria que ficar internado para que eles pudessem oferecer toda a assistência necessária.

Voltei para casa e avisei à minha família que teria que ficar no CECI, internado. Era preocupante perma-



necer dentro da própria aldeia naquele estado, mas seria melhor do que ir para hospitais da cidade. Logo que entrei na internação, a equipe médica me examinou e me deu remédio para a febre, que ainda persistia. Em seguida, deitei-me na nova cama, que seria minha companheira. Havia outros da aldeia internados também, inclusive um garoto de 10 anos que se chama Nhamandu e algumas mulheres.

24

Deitei-me e logo dormi, pois a febre era forte e dava um sono daqueles. Aproximadamente duas horas depois, acordei e percebi que a febre havia baixado. Fiquei pensando nos parentes que já tinham morrido e, ao pensar nisso, meu coração ficava triste, pois eu sabia que também poderia ser um deles, que poderia deixar minha família. Nossa, pensar nisso não é fácil! Eu sabia que esse vírus matava mesmo, pois, no Brasil, já havia morrido mais de 550.000 pessoas até aquele momento, era um número assustador. As mortes de indígenas também estavam aumentando e nossa população nas aldeias era pequena, pois não passava de 800.000 mil indígenas. Já pensou se nossa população fosse extinta? Por isso, temos que ser fortes e continuar nas nossas rezas diárias, com fé em Nhanderu, nosso Deus, pois isso vai passar. Torcia para que essa vacina fosse descoberta logo, para o nosso bem e de toda a humanidade.

Depois me trouxeram a janta, mas comi pouco, a febre fez com que a fome fosse embora. Já ao anoitecer,

fui dormir e senti que a febre voltou e estava difícil para respirar. Fiquei com mais medo, achei que não iria sobreviver àquela noite e foi uma noite difícil. Eu só conseguia respirar com a boca aberta. Se a fechasse, sentia que ficava mais difícil para respirar, parecia que o nariz estava entupido. Comecei a agradecer a Nhanderu, nosso Deus: disse que foi muito bom enquanto durou, que foi maravilhoso que ele tenha me dado o dom de escrever, eu poderia morrer mais feliz por ter tido alguns filhos, todos inteligentes e pedi que, se eu fosse embora, desse muita sabedoria a eles.

No dia seguinte, minha esposa, Maria Kerexu, veio cedo me fazer uma visita e, por sorte, a febre havia diminuído. Ela trouxe um copo de chá, disse que tinha feito bem mais forte e pediu que eu bebesse tudo. Conversamos um pouco e logo ela foi para casa. Vi que ela queria chorar, mas a vergonha a impediu. Em seguida, entrei no quarto onde dormia e tomei todo o chá. Estava bem forte mesmo, mas sabendo que poderia morrer a qualquer momento, bebi o chá que seria capaz de me curar como se estivesse bebendo um chá doce, nem senti o sabor amargo. Algumas horas depois, senti que parecia haver uma briga dentro da minha barriga, escutava barulhos que davam até medo.

Mais tarde, o médico me deu um remédio para febre e disse que iria ajudar a dormir melhor. Fiquei contente ao ouvir aquilo, pois não queria dormir assustado como





na noite anterior. Assim, aquela foi uma noite diferente, me senti melhor e dormi mais tranquilo, senti menos falta de ar e não tive pesadelo, apenas sonhei com o chá que é feito da casca de árvore. No sonho, eu via o remédio trabalhando, eu seria curado e o efeito seria forte. Fiquei feliz com o sonho e no dia seguinte acordei feliz, sentindo a respiração melhor. O médico me examinou e eu estava sem febre, o que me deixou ainda mais feliz. Senti que estava bem melhor e que o problema pior já tinha ido embora. Dali em diante, continuaria a recuperação no internamento. Naquela manhã, quando minha esposa veio me visitar, falei que estava muito bem e ela me entregou outro copo de chá, disse que traria todos os dias.

28

O chá me ajudou muito e, mesmo sabendo que não há provas de que esse remédio possa ajudar em casos de Coronavírus, eu não deixei de tomar. Aliás, esse chá é um grande remédio que ajudou no combate à febre amarela, então não iria me fazer mal; se não ajudasse, também não iria piorar minha condição, mas como estava me sentindo melhor, então seria bom continuar tomando, mesmo sem que os médicos soubessem, pois se eu falasse o que era o chá eles poderiam se opor.

Mesmo melhorando, eu via que o contágio continuava aumentando entre os indígenas e tinha vontade de colocar na internet que o remédio da floresta poderia ajudar, que quem estivesse com COVID-19 também tomasse o chá todos os dias, de manhã e de tarde, mas

me faltava coragem para fazer isso. Eu acreditava que esse remédio estava me curando, mas não tinha provas e poderia receber críticas por isso, pois a única confirmação me veio em sonho. Temia que, se as pessoas que tomassem o chá morressem, poderiam pensar que a culpa é do remédio, por isso resolvi ficar com esse conhecimento particular para mim e para minha família. Inclusive, minha esposa disse que estava fazendo chá da casca de árvore e dando para todos em casa, meus filhos, netos e noras, como forma de prevenção contra a doença.

No outro dia, estava muito melhor, nem parecia que tinha ficado doente, mas ficava ansioso e com vontade de voltar para casa. Sei que estava sendo bem tratado, mas nada melhor que a casa da gente. Inclusive, quando ficaram sabendo que eu era o pai do Kunumi MC, o cantor Guarani que canta rap, os integrantes da equipe que cuidavam de mim ficaram emocionados e sempre tinha um e outro que pedia para tirar fotos comigo. Saber que meu filho era comentado me deixava muito alegre. Todos os dias, meu filho Jeguaka Mirim, o conhecido Kunumi MC, me visitava de surpresa e a gente conversava um pouco. Via em seus olhos a tristeza, sentia que ele queria chorar, mas o danado é forte e não demonstrava, então falávamos apenas o necessário.

Já à noite, tive um belo sonho, sonhei com o grande líder Paulinho Paiakan, o líder que morrera havia poucos dias com o COVID-19 e no sonho ele me disse que, ao

mesmo tempo, estava alegre e liberto, pois ele vivia no Brasil como um verdadeiro prisioneiro pela sujeira que fizeram contra ele. Quando acordei, fiquei pensando no sonho que tive e, de repente, lembrei do Raphael Crespo, que trabalha no instituto UKA, Casa dos Saberes Ancestrais, e comentei com ele sobre o sonho. Tive a ideia de organizar um livro em homenagem ao Paulinho Paiakan, onde vários autores indígenas tivessem um espaço para falar em defesa dele, porque se fizéssemos isso, mostraríamos a verdadeira história e seu nome seria lembrado para sempre, não ficaria difamado após a morte. Pedi para que ele falasse com Daniel Munduruku, que tem uma editora e poderia nos ajudar a organizar a publicação.

30

O Raphael é um grande amigo que conheço há muitos anos e foi o primeiro amigo a quem avisei que estava indo para o CECI para ficar internado. Ele me disse muitas palavras bonitas, disse para eu ser forte, que sairia dessa. Ouvir essas palavras de um amigo é importante e pode alegrar a gente, pois numa hora dessas precisamos ouvir coisas boas e agradeço a ele por essas palavras que, mesmo por mensagens, foram ouvidas.

No dia seguinte, acordei cedo, como costumo fazer em casa, mas mesmo no internamento, continuava acordando cedo e isso era sinal de que eu estava bem, o que me alegrava. Logo, tomei café da manhã junto com mais alguns da aldeia que também estavam internados e, algumas horas depois, como era de praxe, uma

médica veio me examinar. Ela viu que eu estava bem, mas disse que precisaria continuar no CECI até terminar a quarentena. Eu sabia disso e, para o bem da minha família, aceitei.

Era gostoso saber que estava bem, mas, ao mesmo tempo, estava triste por saber que muitos continuavam sendo contaminados no Brasil e alguns, morrendo. Seria bom se não houvesse nenhuma morte. Toda essa tragédia é por causa da destruição da natureza. Temos que cuidar dela, porque nossas vidas vêm dela, tudo vem. Mas os não-indígenas parecem ser amantes da destruição por causa da ambição. Esses crimes que vêm sendo praticados há séculos têm consequências, como o surgimento de doenças.

31

Mas, quem sabe, com tudo que está acontecendo, a sociedade não muda e começa a amar mais a mãe natureza? Principalmente os grandes fazendeiros, que destroem toda a floresta, mas a ambição é maior. No internamento, foi colocada uma televisão e eu sempre assistia ao jornal, via o número de óbitos e era assustador, só aumentava. Se o governo atual concordasse que o isolamento fosse cumprido em todo o país, tenho certeza de que o número não teria aumentado tanto assim, mas quando um presidente não se preocupa com o povo, essa tragédia pode acontecer e era isso que via naquele momento.

Já os outros países, nossos vizinhos, estavam se cuidando desde o início, por isso o número de mortos era bem menor, como na Argentina, no Paraguai e no Uruguai. Parabéns! É assim mesmo que tem que ser feito. Pena que o nosso presidente não se preocupou desde o início e ainda brincou com a questão, dizendo que era apenas uma gripezinha, mas uma gripezinha que mata e os números não me deixam mentir.

32

No dia 1 de julho de 2020, recebi uma linda matéria sobre o meu filho, o Kunumi MC, uma matéria imensa na qual ele falava sobre sua nova música cantada em guarani sobre as questões indígenas, os problemas por causa da pandemia e muitos outros assuntos. Fiquei feliz pela matéria, mas também por saber que, neste dia, meu filho mais novo, o escritor Jekupe Mirim, fazia 17 anos. Fiquei feliz pela data e triste por estar internado e não poder dar um abraço nele, mas o importante é que ele tivesse saúde e não fosse contaminado por esse vírus, pois em breve lhe daria esse abraço, com muita força. Estamos vivendo um momento triste em que não podemos sequer nos abraçar, mas o que importa é que amamos as pessoas e esses abraços podem esperar um pouco.

Tenho três filhos homens e todos são escritores, isso é uma maravilha para um pai. Inclusive, em 2020, eu publiquei um livro chamado “Literatura nativa em família”, pela Editora Cintra, com textos meus, da minha



*Kunumi MC*

esposa e dos meus filhos. Acredito que seja o primeiro livro publicado por uma família indígena no Brasil.

Naquela noite, o novo médico da equipe veio conversar comigo e me examinou, viu que eu estava bem e perguntou se eu estava sentindo alguma coisa. Respondi que sim, mas era saudade de casa. Ele viu os meus exames e falou que eu sairia rápido. Mostrei para ele uma garrafa de chá que minha esposa tinha trazido e disse que talvez fosse aquele o remédio que me

ajudou na recuperação, que ele é muito bom. O médico me perguntou do que era feito aquele chá e eu falei. Ele apenas olhou e me disse: “então continue tomando, se está ajudando”. Bom, eu ia mesmo continuar tomando, porque tenho certeza de que esse remédio da casca de árvore me ajudou muito.

Em seguida, o médico disse para o Nhamandu, o garoto de 10 anos que também estava na internação e esteve muito mal, que já estava curado. Ele estava lá há dias, mas, no outro dia, cedo, já iria receber alta. Fiquei feliz por ele e, ao mesmo tempo, torcendo para que outros garotinhos não ficassem doentes, porque essas crianças são o nosso futuro. Elas irão continuar a luta do fortalecimento das nossas culturas, continuarão lutando por nossos direitos que nunca foram respeitados, pela demarcação de nossas terras, pois sempre fomos roubados e, quando queremos o que é nosso por direito, eles perguntam: “índio quer terra para quê?”. Queremos terra para que a floresta viva, assim como nós queremos viver, para que o mundo não seja destruído. O que vai acontecer quando não tivermos mais florestas? Por isso espero que a sociedade entenda.

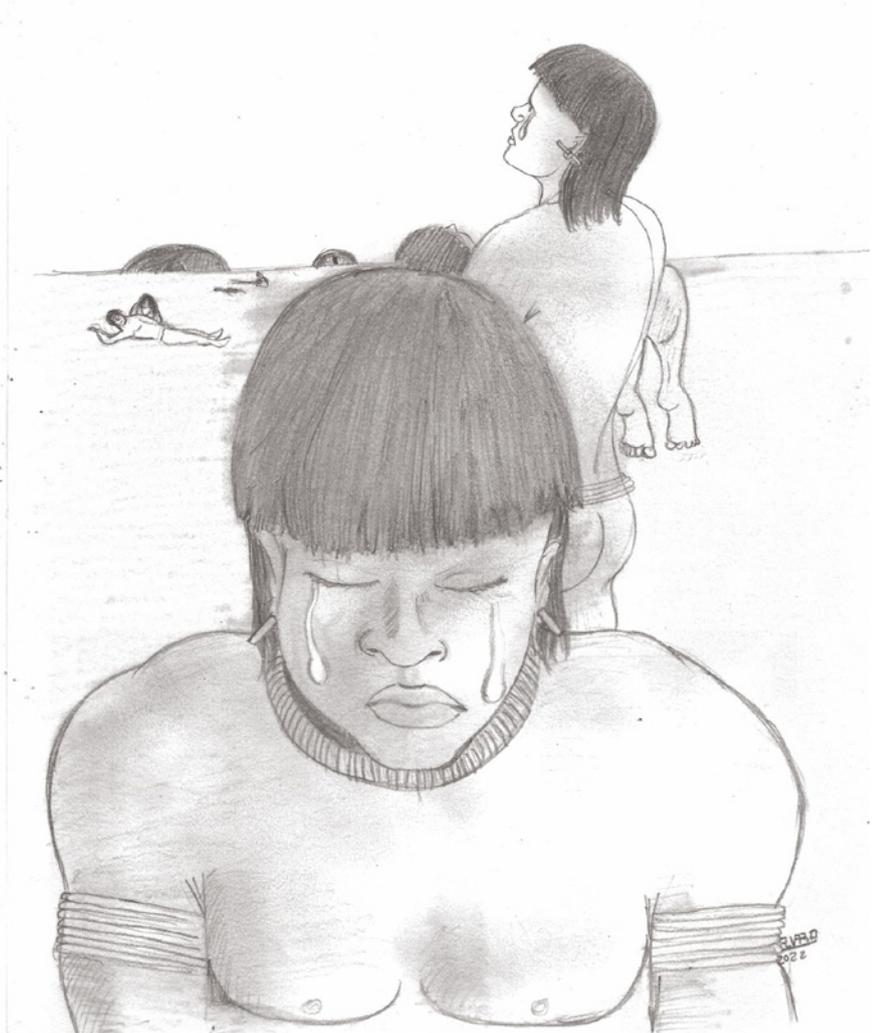
Acordei na manhã seguinte e tomei meu café, logo o Nhamandu, o garotinho, havia recebido alta, iria voltar para casa curado. Podemos dizer que mais um indígena no Brasil sobreviveu a essa tragédia da pandemia, mas sempre chegavam notícias de mortes de parentes indí-



genas pelo Brasil. Naquela data, vi pela internet que já haviam morrido 32 xavantes. Era triste. Na nossa aldeia, tínhamos uma grande equipe atendendo as pessoas doentes, mas na maioria das aldeias pelo país a assistência era precária. Não deveria ser assim, mas como o nosso presidente não está preocupado com os povos indígenas, era de se esperar.

Tenho certeza de que, apesar de tudo isso, vamos resistir e sobreviver para continuar contando nossas histórias, denunciando o sofrimento, o massacre e a violência que continuamos passando. Há uma angústia dentro de mim por saber que tem muitos parentes indígenas sendo contaminados, principalmente em aldeias que os garimpeiros invadem sem que o governo tome uma providência para tirá-los de lá. Como exemplo, cito o povo Yanomami, parentes que estão sofrendo com esses garimpeiros que levaram o Coronavírus, violência





EVFLO  
2022

e poluição. Não está fácil para eles, nem para nenhum povo indígena do Brasil.

Ainda bem que hoje existem redes sociais, podemos nos comunicar mais rápido e, mesmo no internamento, aguardando o final da quarentena, podia conversar com alguns indígenas de várias regiões. Mas, de vez em quando, recebia notícias tristes também, como o fato de que o Cristino Wapixana, um amigo, havia perdido 3 pessoas da família dele. Já pensou, que coisa triste? Eu estava angustiado por estar naquela quarentena, algo que podia aguentar, aliás, são apenas alguns dias, coisa que não se compara a perder 3 pessoas da família. Por isso, aquele dia, 2 de julho de 2020, foi um dia muito triste.

38

Daqui, continuarei torcendo para que nossos parentes indígenas sejam fortes, que sigam suas culturas e, inclusive, tomem remédios do mato conforme seus conhecimentos, porque não podemos ficar esperando pela ciência se temos os nossos conhecimentos tradicionais também. Já bastam os problemas que temos no dia a dia, que são muitos, e agora essas mortes que não terminam. E não somos apenas nós, indígenas, que estamos morrendo, só no país o número diário é assustador, chegam a morrer mais de 1000 pessoas por dia, mas como temos um governo genocida que não se preocupa com os povos indígenas e nem com a população brasileira em geral, então é isso que vemos acontecer.



Não existe uma proposta do próprio governo para salvar vidas, só se ouve discurso de ódio, que gera mais ódio. Um presidente tem que lutar pelo seu povo e não assistir à morte dele sem fazer nada. Mas com ou sem presidente, é importante que lutemos dia a dia, cada um fazendo sua parte, até que esse vírus seja extinto de uma forma ou de outra. Por isso, temos que ter esperança, nada de desanimar, porque, do contrário, teremos outro problema, a depressão, que também mata.

40

Outro dia é outro dia e eu amanheci alegre por estar bem, assim como os outros que estavam comigo, mas triste por saber que o problema do Coronavírus continuava pelo Brasil afora, isso era o que me deixa triste todos os dias. Acredito que a nossa resistência é a força para que continuemos vivos e temos os jovens para dar continuidade à luta, mas é preciso que nossa juventude seja mais consciente e relembre nossos líderes, os que se foram por nós e os que ainda continuam na luta. Não podemos ficar de braços cruzados, porque a demarcação tem que continuar, vamos em frente, não tenham medo.

Minha geração conheceu grandes líderes que lutaram muito por nossos parentes em geral. Lembro do Ângelo Kretã, que morreu numa emboscada; do Marçal Tupã, de Dourados, um guarani que, com pouco estudo, mostrou grande sabedoria; do Ailton Krenak; do Marcos Terena; do Alvaro Tukano; do Manoel Moura, que se foi há pouco tempo; do Paulinho Paiakan, que morreu



com o nome sujo por causa de uma mentira; líderes que continuarão existindo e, por isso, sei que essa pandemia irá passar e nossos problemas continuarão, mas temos que continuar remando o barco.

Preocupo-me com a juventude indígena, que é bem diferente hoje, muito estudada, com mais conhecimento, com diplomas nas mãos e muitos até falando inglês, mas é preciso entender que todo esse conhecimento não tem valor nenhum se não valorizarmos nossos antepassados que deram o sangue por nós. Sempre sofremos através das guerras, das doenças trazidas desde 1500 e, agora, mais uma vez uma doença trazida de fora ameaça nossos



povos: a COVID-19. E do que adianta termos todo o conhecimento se podemos morrer assim? Por isso, sempre penso no quanto é importante valorizar a vida, cada segundo que vivemos e, nós, indígenas, temos que valorizar muito mais. O maior valor é lutar pelo nosso povo, de um jeito ou de outro, mas não deixar de lutar.

Sei que, nesse momento, nossos parentes estão sofrendo muito com o medo. Dentro da própria aldeia somos obrigados a andar de máscaras, ficar mais em casa e sempre distantes um dos outros. É triste viver um momento assim, pois nossa vida sempre foi viver ao lado do próximo e hoje somos educados a viver longe dos nossos parentes. Mas quando isso terminar, tenho certeza de que nosso amor ao próximo poderá ser bem maior do que antes.

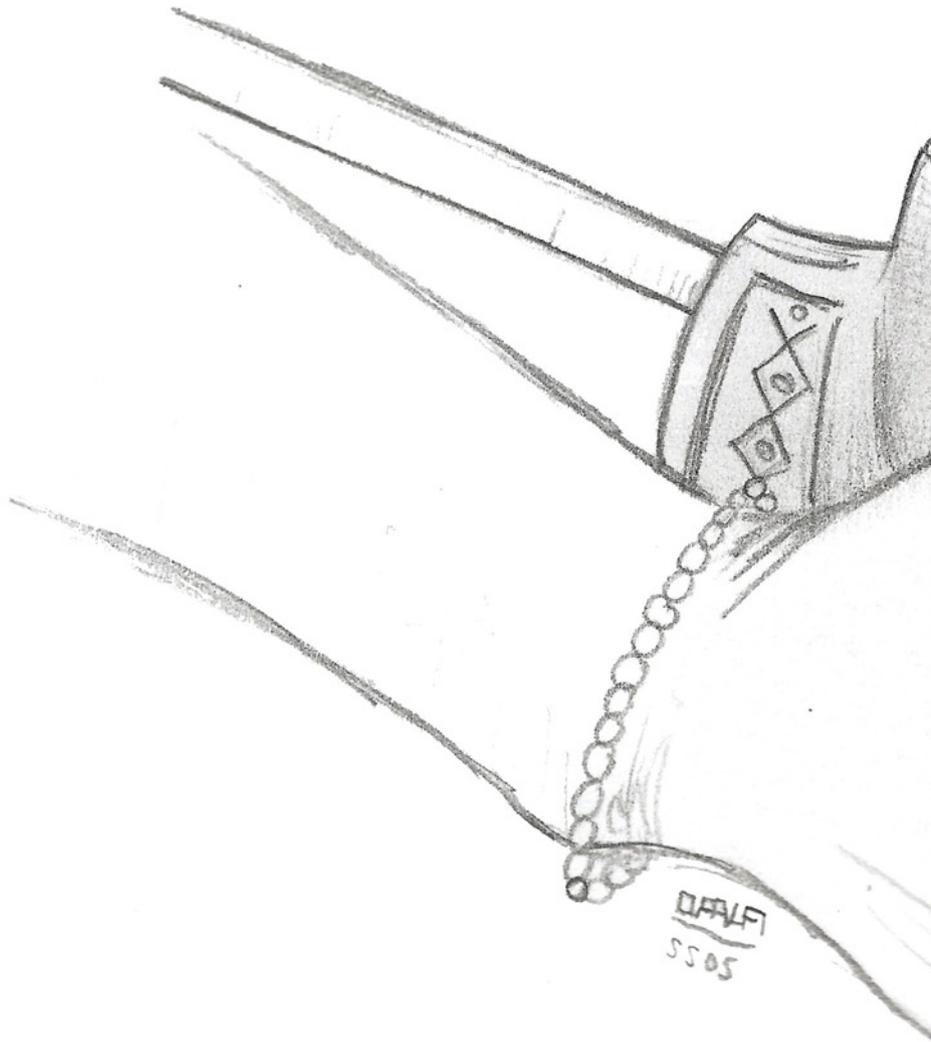
Estive internado no CECI para me recuperar dessa doença, que está se propagando por muitas aldeias, chegou até a nossa e tive o azar de pegar, passei mal por 4 dias e fiquei com muito medo de morrer (e sentir medo de morrer é assustador), mas depois de uns dias fui melhorando. Na quarentena, estava num quarto sozinho, sem conversar com as pessoas, mas conversava comigo mesmo e, nas minhas conversas, escrevi ideias para, quem sabe, um dia, o povo possa ler meus pensamentos. Sabia que, ao sair dali, iria sair muito feliz pela vida, pela nova chance que ela me deu, pois sei que outros morreram e não tiveram nenhuma, por isso irei valorizar

a que tive, porque poderei estar ao lado da minha família de novo.

Chegou o dia em que eu tive a melhor notícia que poderia ouvir, uma enfermeira do CECI me informou que o médico já tinha me dado alta e que eu estava muito bem. Ao ouvir aquilo, meu coração ficou tão alegre que parecia que eu estava nascendo de novo, mas, no mesmo dia, fiquei sabendo pelas redes sociais que havia falecido um cacique da aldeia Serrinha, do Rio Grande do Sul, e fiquei triste. Conheci aquela aldeia, que é do povo Kaingang, pois em 2014 fui junto com o meu filho, Kunumi MC e demos palestras para os alunos do lugar. Mas fazer o quê? Voltei para casa, torcendo por todos os nossos parentes, para que não pegassem essa doença e, se pegassem, que fossem curados e sobrevivessem.

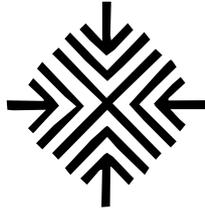


ALPH  
2022



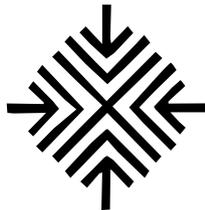
DAALFI  
SSOS





# **A INVASÃO NOS AFETA DESDE 1500**

*Sou Jovina Renh Ga, Kaingang,  
artesanã e escritora.*





eu nome é Jovina Renh Ga, nasci na Terra Indígena Marrecas, no Centro-Oeste do Estado do Paraná e sou do povo Kaingang. Moro na aldeia Kakané Porã, que fica em Curitiba, Paraná, mas essa aldeia é nova e foi

uma luta para conquistar esse pequeno território. Não deveria ser assim, porque somos originários dessas terras há séculos, mas desde a invasão dos portugueses, nós, indígenas, temos que lutar por terras, pela demarcação e pela saúde, pois a chegada dos invasores trouxe também as doenças que mataram milhões de parentes indígenas e continuam matando até hoje.

Nossos territórios sempre foram invadidos e ameaçados por opressores e, para que continuemos fortes e resistentes, temos que nos solidarizar cada vez mais com os nossos parentes, com os nossos povos tão sofridos. Sofremos nas mãos dos fazendeiros, dos políticos e da sociedade, que nunca nos entenderam desde a invasão. Recebemos críticas, quando deveríamos ser valorizados e respeitados, pois somos herdeiros dessas terras e filhos da mãe terra, a qual sempre respeitamos porque sabemos a importância da floresta, algo que os não-indígenas nunca souberam respeitar, só pensam no lucro e destroem. É das florestas que vêm os remédios e as curas, sem elas estaremos expostos a doenças, como



a grande doença que chegou no mundo todo, o Coronavírus, e poderão surgir muitas outras.

## O CORONAVÍRUS

Em maio de 2021, fui infectada pela doença fatal que já matou muitos indígenas no Brasil, a COVID-19. De repente, eu passei mal, senti febre, dor de cabeça, fraqueza no corpo, me faltava ar e vontade de comer. Fiquei triste porque, pelos sintomas, temi que fosse COVID-19. Fui levada à unidade básica de saúde (UBS) mais próxima da aldeia para ter atendimento médico e fiz o teste. Retornei para a aldeia e, com as indicações médicas, parecia ter melhorado no dia seguinte, mas logo voltei a sentir os mesmos sintomas.

51

Foi quando tive a confirmação da doença, seguida dos dias mais tristes da minha vida, pois sabia que outros parentes indígenas já haviam morrido por causa desse vírus. Sentia-me angustiada e esse sentimento cortava meu coração. Senti que poderia morrer a qualquer momento, pois a respiração estava muito difícil e, à noite, o medo me devastava por dentro, eu queria dormir, mas tinha medo de dormir e não acordar.

Assim, informei aos meus amigos que não responderia mensagens, dado que precisaria ficar de cama e descansar por, aproximadamente, quarenta dias. Eu

precisava de repouso, pois meu corpo estava muito fraco e o esforço poderia piorar minha condição. A única exceção era o Olívio Jekupé, meu amigo antigo, que falava comigo todos os dias para saber como eu estava. Gostava de ouvir as palavras dele, porque cada uma delas me deixava feliz e me confortava muito. Em momentos assim, diante da possibilidade de morrer, a melhor coisa é ouvir palavras doces que confortem o coração da gente, e o Olívio Jekupé sempre me dizia que não sentisse medo, que isto seria passageiro, que eu estava sofrendo, mas o importante era que iria viver para continuar a ser feliz, e ouvir isso me deixava mais tranquila.

52

Ao meu lado estavam sempre o meu filho e a minha nora, que cuidavam de mim com muito carinho e diziam que eu precisava viver, porque ainda tinha que cuidar dos meus filhos, mesmo sabendo que eles já são adultos. Com o apoio e os cuidados da família, em sete dias eu voltei a comer algumas frutas e um pouco de sopa, não era muito, mas sabia que ajudaria meu corpo a ter força. Após 10 dias acamada, sentindo-me um pouco melhor, comecei a refletir sobre a vida e vi que, depois de passar por tudo isso, eu teria que ser uma pessoa diferente, pois a vida é a melhor coisa do mundo.

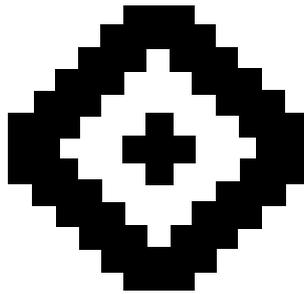
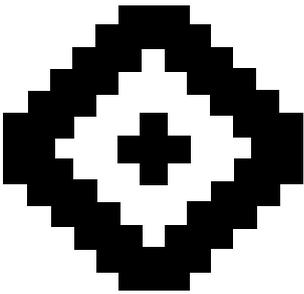
Comecei a pensar na mãe natureza e refleti sobre o quanto ela está cansada, pois o ser humano não a está respeitando. Florestas sendo destruídas, rios sendo mortos, mares cheios de sujeira prejudicando os

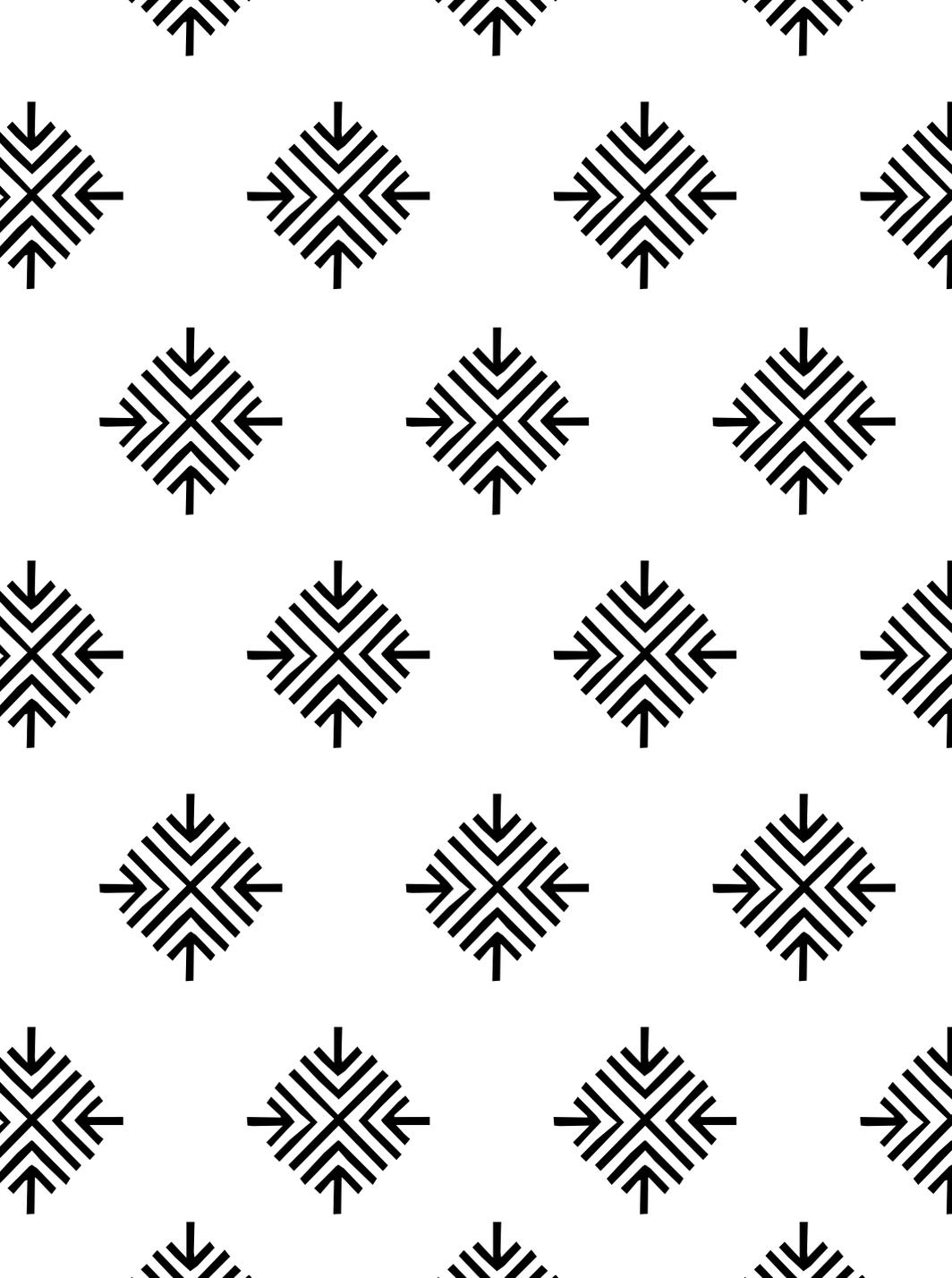


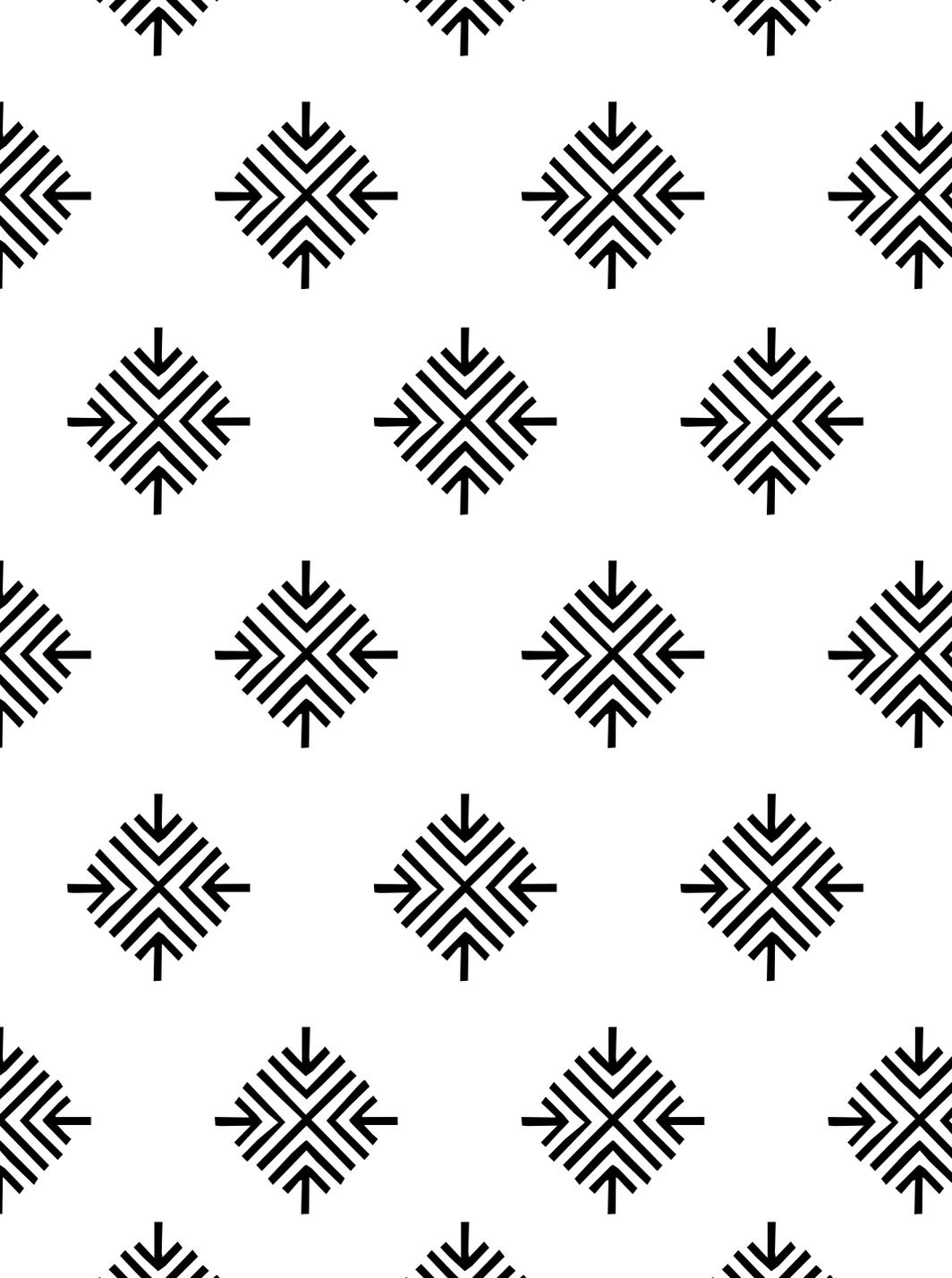
peixes, poluição que assusta, mas ninguém se importa, então a natureza reage. Esta doença deve ser uma das consequências e veio para mostrar ao mundo que é preciso mudar as coisas e que o ser humano precisa ser diferente, um castigo que veio para que o mundo pare de destruir as florestas e respeite a mãe terra. Entre tantos pensamentos, percebi que também teria que mudar e seguir uma vida com uma relação mais profunda com a mãe natureza.

54

Pensei também que, desde 1500, nossos parentes são assassinados por aqueles que roubam nossas terras e morrem por doenças trazidas por eles de outros cantos do mundo. Com a chegada dessa doença, nosso povo foi afetado mais uma vez. Isso me deixou angustiada e muito pensativa, mas ao mesmo tempo grata por cada manhã que despertava. O medo me afetou e, muitas vezes, tirou-me o sono, mas tinha fé que iria sair dessa, ao mesmo tempo em que torcia pelos outros parentes indígenas no Brasil que estavam sofrendo com o mesmo problema. Por fim, venci o Coronavírus, continuarei viva e feliz por saber que meu texto irá mostrar aos leitores que sofri, mas venci.









## COLEÇÃO RETOMADAS

58

A Universidade e seu conceito universal de criação do conhecimento foi e ainda é centro de emanção dos propósitos e diretrizes dos invasores colonizadores do *mundo moderno*. Muitas vezes, cria conceitos que legitimam o *mundo moderno*, controlando, classificando e definindo nossos povos indígenas originários.

Por essa razão, esta instituição se torna instrumento operado pela colonização para silenciar os saberes e ciências dos nossos povos indígenas originários. No entanto, as universidades estão sendo instigadas pelos povos indígenas que têm ocupado esses espaços a repensar e a pensar outros conceitos e formas de se relacionar com a Terra, o que tem ampliado os debates acerca das cosmologias e dos modos de vida.

A necessidade da ampliação desses debates não surge da *boa vontade* das universidades e de seus opera-

dores, mas, sim, da fustigante fricção do movimento dos povos indígenas, que abrem espaço no meio universitário e trazem outras perspectivas, expandindo as discussões acerca dos povos, da relação com a Terra, da relação com a vida e da relação com o consumo. Nossos povos são povos cúmplices da Terra, bem diferente do povo do *mundo moderno* que é o povo do consumismo.

A questão cosmológica dentro das universidades vem ganhando visibilidade, velocidade e força a partir de diferentes movimentos articulados pelos povos indígenas originários. Hoje, de certa forma é bem mais comum tratar esse tema em algumas universidades. Porém, nossas cosmologias ainda são abordadas a partir do pensamento e cosmovisão dos invasores brancos, que teimam em querer nos ensinar a como pensar a vida da mesma forma que eles pensam.

Essa é uma questão mal abordada pelos doutores das universidades, que aludem a nossos povos numa perspectiva genérica do *mundo moderno*. Cada povo é um mundo, uma cosmovisão, uma perspectiva. Cada povo tem uma maneira de viver, sentir e perceber a Terra e o território onde está. Logo, para uma proposta de aproximação e diálogo entre nossos povos e a Universidade é necessário que esta entenda que nossos povos não são genéricos.

A Universidade em seu nome abriga o conceito do universal e nossos povos são plurais. Para a universidade

ampliar o debate com os povos indígenas originários, ela tem que rever seu conceito de universalidade. A partir da tentativa de diálogo entre universidades e povos indígenas podemos pensar como esse movimento será importante para afirmar as retomadas das narrativas dos povos indígenas originários. Com a ampliação do debate cosmológico, poderemos compor trocas de conhecimentos, numa convivência entre nossos mundos indígenas e o mundo moderno. A Universidade pode deixar de ser um espaço de colonização e se tornar um espaço de amplificação dos plurais modos de vida.

60

A proposta da **Coleção Retomadas** é apresentar e retomar outras perspectivas de vida, sensibilidade e pensamento trazidos pelos povos indígenas originários, por meio do a) questionamento da história *oficial* do *mundo moderno*, do b) relato das experiências coletivas indígenas de sentir e perceber a Terra e da c) expansão e apresentação das retomadas indígenas conceituais, buscando criar e ampliar áreas de pensamento acerca da própria Universidade e para além dela.

Precisamos enxergar cultura além da visão de mercado, além de um ciclo vicioso de reafirmação de um poder hegemônico e de epistemologias forjados das correntes que nos amarram ao passado criado pelo colonizador e que, até hoje, nos impedem de reconhecer outros modos de vida. Dar voz aos nossos parentes e assegurar-lhes o direito de registrar suas vivências

sob uma perspectiva sua, apresentar cosmovisões de resistência que impulsionam nossa retomada por uma cosmologia que respeite a vida e as diferenças, que lhes são naturais.

A **Coleção Retomadas** é fruto da coragem de romper estruturas e convenções que insistem em nos apartar do que somos como condição para sermos ouvidos. É um ato de insubmissão, em que nós indígenas nos desvencilhamos da condição passiva, limitada e muda de objeto de estudo em que somos descritos por aqueles que não partilham de nossos mundos, para mostrar que também somos sujeitos que contribuem para a construção de saberes. É uma chamada de retomada, um movimento pela pluralidade de conhecimentos que não podem ser acessados por aqueles que não se permitem ver além da generalização das identidades artificiais que nos impuseram.

61

*Eliana Souza Tremembé*  
*Felipe Coelho Iaru Yê Takarijú*



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE PONTA GROSSA**

**REITOR**

Miguel Sanches Neto

**PRÓ-REITORA DE EXTENSÃO E ASSUNTOS CULTURAIS**

Maria Salete Marcon Gomes Vaz

**EQUIPE RESPONSÁVEL PELA COLEÇÃO RETOMADAS**

Álvaro Franco da Fonseca Junior

Eliana Souza Tremembé

Felipe Coelho Iaru Yê Takarijú

Ingrid Ribeiro Olanda Bonifacio Tremembé

Julia Isabela de Souza Kaingang

Letícia Fraga

Lígia Paula Couto

Mariana Fraga da Fonseca

Rachel Libois

Rosilene Gynprag Abreu

**CONSELHO EDITORIAL COLEÇÃO RETOMADAS**

Aline Ngrenhtabare Lopes Kayapó

Casé Angatu

Eliane Potiguara

Felipe Milanez

Florencio Rekeyg Fernandes

Geni Nuñez

Gersem Baniwa

Márcia Wayna Kambeba

Taquari Pataxó

**FINANCIAMENTO**



**APOIO**



© Olívio Zeferino da Silva e Jovina Rehn Ga Donato de Oliveira.

**EQUIPE EDITORIAL**

EDIÇÃO Leticia Fraga e Ligia Paula Couto

REVISÃO Eliana Souza Pinto

CAPA E ILUSTRAÇÕES Álvaro Franco da Fonseca Junior

PROJETO GRÁFICO E DIAGRAMAÇÃO Carlos Bauer

1ª edição, 2023.

J47 Jekupe, Olívio.

Coronavírus nas aldeias [livro eletrônico]/ Olívio Jekupe,

Jovina Rehn Ga. Ponta Grossa: Ed. UEPG, 2023.

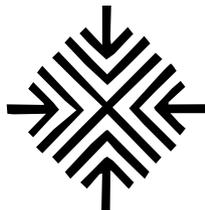
64p; E-book, PDF.

ISBN: 978-65-86967-70-8

1. Pandemias. 2. COVID-19. 3. Povos indígenas. 4. Saúde dos povos indígenas. I. Jekupe, Olívio. II. Ga, Jovina Rehn. III. T.

CDD: 323.1

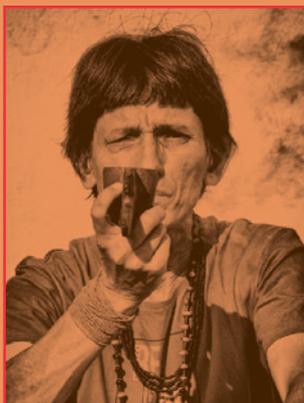
Elaborado por Rodrigo Pallú Martins — CRB 9/2034/O



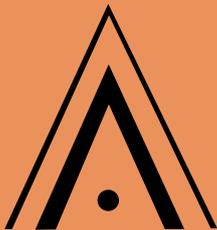
Este livro foi composto em Noka e Piazzolla.  
O papel do miolo é o sulfite  $75\text{g}/\text{m}^2$  e da capa é o duplex  $250\text{g}/\text{m}^2$ .  
Impressão e acabamento foram feitos pela gráfica da UEPG.  
Foram produzidas 200 unidades.



**Jovina Renh Ga** é Kaingang, escritora e moradora da aldeia Kakane Porã, em Curitiba. Também é artesã.



**Olívio Jekupé** é Guarani e escritor de literatura nativa. Mora na aldeia Kakane Porã, em Curitiba. É palestrante e tem 24 livros publicados. É pai de 5 filhos, inclusive do cantor de rap @Owerá.official



**COLEÇÃO RETOMADAS** é pensada e desenvolvida por indígenas, para divulgar os saberes e conhecimentos indígenas. Objetivamos que essa divulgação impacte o espaço da universidade e também fora dela, alcançando todos os públicos. Encontramos aliados no Coletivo de Estudos e Ações Indígenas (CEAI) que, numa ação genuinamente coletiva, abraçou nosso projeto como parte de um movimento muito maior de retomada, tornando-o possível. O CEAI é vinculado ao Programa de Extensão Laboratório de Estudos do Texto da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG).

A coleção propõe apresentar e retomar outras perspectivas de vida, sensibilidade e pensamento trazidos pelos povos indígenas originários, por meio do questionamento da história oficial do mundo moderno, do relato das experiências coletivas indígenas de sentir e perceber a Terra e da expansão e apresentação das retomadas indígenas conceituais, buscando criar e ampliar áreas de pensamento acerca da própria Universidade e para além dela.

#### Conheça e acompanhe o trabalho do CEAI:

-  [ceai coletivo indígena](#)
-  [ceai\\_oficial](#)
-  [ceai coletivo](#)

